

O eterno, o infinito

1º de setembro de 2025

Querido leitor,

No dia 1º de janeiro deste ano, durante a *Doce Surpresa*, nossa Guru, Gurumayi Chidvilasananda, nos fez uma pergunta: “Qual é a diferença”, perguntou ela, “entre eternidade e infinito?”

Sendo uma escritora, suponho que seja natural que meu instinto tenha assumido uma abordagem semântica para responder a essa pergunta. A palavra *eternidade*, eu sabia, tem a ver com o tempo. Eternidade é o tempo interminável, contínuo, tempo sem começo nem conclusão. A palavra *infinito*, por outro lado, tem um escopo mais amplo. Infinito é o ilimitado, sem fronteiras, um cosmos que não termina. Embora possa se referir ao tempo, *infinito* é usado mais frequentemente referindo-se ao espaço ou à quantidade ou extensão de alguma coisa.

Por um tempo eu fiquei satisfeita com essa resposta. Ao identificar a distinção entre os significados dessas palavras (ou, pelo menos, uma distinção primária), eu achei que tinha dado uma resposta suficiente à pergunta de Gurumayi. Mas algo deve ter ficado mal resolvido no fundo da minha mente porque, recentemente, comecei a pensar de novo na pergunta. Eu me questionei: *Por que Gurumayi a fez? O que podemos apreender ao analisar a diferença entre eternidade e infinito?*

Então pesquisei um pouco. Falei com meu pai, um cientista, que pacientemente lidou com minhas muitas e repetidas perguntas (sem dúvida muito básicas). No processo, vim a compreender algo que tenho certeza de que todos os físicos que estão lendo isto já conhecem bem. É que

existe um contexto no qual a distinção entre espaço e tempo desaparece — o eterno se torna infinito e o infinito se torna eterno.

Esse contexto é a *luz*.

Os cientistas descobriram que, na velocidade da luz, o tempo fica parado e a distância se contrai até o nada. Um exemplo clássico é o do céu noturno — de cor negra-obsidiana, repleto de estrelas. Pode levar *bilhões* de anos para que a luz viaje de alguma das estrelas mais distantes do nosso universo até a Terra. Isso significa que, no momento em que percebemos aquela luz com os nossos olhos, a estrela pode ter-se movido ou pode ter deixado de existir completamente. Portanto, quando olhamos para o céu, estamos de fato olhando para o passado.

Agora, e se assumíssemos a perspectiva *da luz* neste cenário? A realidade seria diferente! Sabe, a luz não experimenta o tempo ou a distância como nós. No mesmo instante em que a luz é emitida de uma estrela a bilhões anos-luz daqui, ela está *também* — do ponto de vista da luz — presente aqui na Terra, sendo recebida por nossos olhos. A luz, em outras palavras, constrói uma ponte no tempo. A luz colapsa o espaço. A luz é eterna. A luz é infinita.

Eu não sou, de jeito nenhum, física ou matemática. Mas, quando soube desses fatos sobre a luz, o espaço e o tempo, descobri que, mesmo sendo alucinantes como são, existe alguma coisa profundamente intuitiva com relação a eles. No caminho de Siddha Yoga, Gurumayi nos ensinou que a luz é a forma de Deus. É da luz que nós viemos, e é na luz que vamos nos fundir um dia. Luz é o que o Guru acende dentro de nós; luz é o que reconhecemos nos outros e no mundo à nossa volta. Luz é o que é derramado dentro do meu coração e que se espalha dele quando recebo o *darshan* de Gurumayi. Luz é o que suaviza os contornos dos meus sonhos com Gurumayi, é a razão desses sonhos parecerem diferentes, de uma realidade que parece transcender tanto o estado de sonho quanto o de

vigília. Então eu sei, a partir dos meus estudos e da minha experiência, que se existe uma coisa capaz de parar o tempo, se existe uma coisa capaz de transpor o espaço, seria essa luz.

Um dos meus poemas favoritos de Gurumayi é “Quando a luz desce em torrentes”, do seu livro *Pulsation of Love*. Nesse poema, Gurumayi entrelaça temas como luz e tempo, instigando-nos a considerar mais cuidadosamente a natureza da conexão entre eles. No começo do poema, Gurumayi escreve:

Quando a luz desce em torrentes,
ontem, hoje e para sempre,
o ar é envolvido por um manto branco.
Os rios parecem fluir com leite.
A terra inteira se alegra
com a ternura do amor.
O coração também expressa sua gratidão,
sendo preenchido com a compaixão do Senhor,
com Suas infinitas bênçãos.

Todos os tempos são o tempo de Deus,
e o tempo de Deus é a eternidade.
Toda alma sabe disso em suas profundezas,
mas nem sempre se lembra do que sabe.
Gratidão é a própria natureza da alma.

Por não se lembrar
de que todos os tempos são o tempo de Deus,
você só é grato
pelo que parece bom.
Quando você nasce, é tempo de agradecer a Deus.
Conforme a vida segue, é tempo de agradecer a Deus.
Que você morre, também, é tempo de agradecer a Deus.

Essa luz é sempre uma bênção.

Essa luz é a própria compaixão.

Todos os tempos pertencem a Deus. Cada momento oferece uma abertura para o transcendente. Isso é o que Gurumayi ensina.

Como, então, podemos viver mais constantemente com esta percepção? Como podemos conduzir nossa vida de tal forma que retornemos, repetidas vezes, para a luz de Deus? Entendo que esta pergunta, e as muitas respostas possíveis para ela, estão no coração da Mensagem de Gurumayi para 2025: *Faça seu tempo valer o seu tempo.*

Ao longo deste ano, tenho escrito sobre as datas especiais que celebramos no caminho de Siddha Yoga, e como elas nos proporcionam oportunidades claras para experienciar a luz de Deus. Em setembro, isto significa Navaratri. Navaratri é um festival de nove noites originário da Índia; este ano, ele acontece de 22 a 30 de setembro, culminando com a celebração de Dasera no dia 2 de outubro. O festival é dedicado a honrar a Devi, a Deusa suprema — que é, ela própria, uma personificação da luz divina. Além disso, é uma tradição adorar a Devi *com* luz — oferecendo *puja*, por exemplo, ou dançando em torno de uma chama *garba*.

É claro, nós não temos que esperar até o final de setembro para invocar a luz de Deus. Podemos fazer isso agora, e hoje mais tarde, e amanhã, e todos os dias daqui para a frente. Em seu poema, Gurumayi indica como podemos fazer isso. Podemos praticar a lembrança, e podemos praticar a gratidão.

A cada dia podemos fazer o esforço de reconhecer mesmo que sejam umas poucas expressões da luz de Deus que encontramos em nós mesmos, nos outros, no mundo à nossa volta. Não precisa ser algo “grandioso”. Pode ser que tenhamos um vislumbre dessa luz nas nervuras de uma folha ou no movimento fluido de um galho de árvore, no sorriso de alguém ou

numa lágrima delicada escorrendo pela sua bochecha. Só precisamos estar mais atentos a esses momentos, anotá-los (em nosso diário, por exemplo), e conscientemente expressar nossa gratidão por eles.

Estou contente por falar com você neste exato momento sobre gratidão. Sou *grata* por estar fazendo isso. Por que digo isso?

É porque a carta de hoje, a carta de setembro, é a última que escreverei para vocês este ano. E ao refletir sobre nossa jornada juntos ao longo destes últimos nove meses — sobre a *sadhana* que fizemos individualmente e coletivamente sobre a Mensagem de Gurumayi — gratidão é o que sinto. Gratidão é o que experimento borbulhando em meu coração.

Sou grata a Gurumayi por sua Mensagem, por seus ensinamentos relacionados à Mensagem (como *Na Presença do Tempo*), por seu amor e sua graça, que estão presentes em todos os tempos e existências. Também sou grata a vocês, o *sangham* de Siddha Yogues e novos buscadores, por se envolverem de forma tão atenciosa com minhas contemplanções, e por compartilharem suas próprias experiências de praticar a Mensagem de Gurumayi.

Dito tudo isso, nosso estudo e prática da Mensagem de Gurumayi continua. Ainda temos quatro meses restantes neste ano, e quem pode prever quais insights, experiências e transformações teremos durante esse tempo? Além disso, todavia — além do ciclo do calendário no qual estamos focados nesta Mensagem — a sabedoria de Gurumayi perdurará. Essa sabedoria é a forma sonora da luz, a formatação dessa luz em sílabas e palavras distintas que podemos compreender. A Mensagem de Gurumayi é eterna e infinita, sempre aqui conosco.

Neste contexto, quero perguntar: você já viu ou já ouviu falar do *analema solar*? É um diagrama, ou uma imagem em lapso de tempo, que pode ser criada ao combinar fotografias do sol tiradas na mesma hora e no mesmo local, em vários dias diferentes ao longo do ano. Embora possa parecer que o sol está na mesma posição em cada fotografia, na verdade ele se move. Isso ocorre devido à inclinação do eixo da Terra (que faz o sol parecer que está se movendo para cima ou para baixo) e a natureza elíptica da órbita da Terra (que faz o sol parecer que está se movendo para a direita ou para a esquerda). Você consegue adivinhar qual é a forma que resulta da composição de todas essas imagens do sol?

É a figura de um oito, que também reconhecemos como o símbolo do infinito. Sincrônico, não? Para mim, é um sinal. O tempo encena o seu drama através do campo da atemporalidade. Não importa onde estejamos ou quando, estamos sempre traçando as curvas do infinito.

Atenciosamente,

Eesha Sardesai

